

CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA PARA LEIGOS

LEITURA COMPLEMENTAR

AULA 24

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Pe. Daniel Antonio de Carvalho Ribeiro, scj

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA CATÓLICA: FÉ E RAZÃO ILUMINADAS POR CRISTO

A antropologia filosófica católica representa a síntese entre razão natural e fé revelada, oferecendo uma compreensão integral do ser humano que valoriza tanto suas capacidades racionais quanto seu destino sobrenatural.¹ Esta integração não nega nem a razão nem a fé, mas as une em uma visão coerente que mostra como a graça aperfeiçoa a natureza e como a filosofia encontra seu cumprimento na teologia. Jesus Cristo é apresentado como o modelo e plenitude da humanidade, revelando o sentido pleno da existência humana e oferecendo a resposta definitiva à pergunta fundamental sobre quem somos e para onde vamos. A antropologia católica não é, portanto, uma disciplina puramente filosófica ou puramente teológica, mas uma síntese que integra ambas as dimensões do conhecimento humano, reconhecendo que a razão humana, iluminada pela fé, é capaz de compreender verdades profundas sobre a natureza humana, seu destino e sua relação com Deus, enquanto, simultaneamente, reconhece que existem mistérios que transcendem a razão natural e só podem ser conhecidos por meio da revelação divina.

A antropologia filosófica católica é o ponto de encontro entre a razão filosófica e a fé revelada, um lugar onde ambas se enriquecem mutuamente e se completam. A filosofia fornece a estrutura racional para compreender a natureza humana, suas capacidades, suas virtudes e seus limites, ajudando-nos a reconhecer que o ser humano é um animal racional, possuidor de inteligência e vontade, capaz de conhecer a verdade e amar o bem. A filosofia também nos mostra que o ser humano é um ser social, que se realiza na comunhão com os outros e que possui uma dignidade que deve ser respeitada. Mas a teologia vai além da filosofia: revela o destino sobrenatural do ser humano, seu chamado à comunhão com Deus e sua participação na vida divina por meio da graça. Santo Tomás de Aquino sintetiza esta relação ao afirmar com

¹ *Catecismo da Igreja Católica*, par. 159 (síntese entre razão e fé); Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 1, a. 8 (relação entre teologia e filosofia); João Paulo II, *Fides et Ratio*, 16-Não se trata de negar a natureza humana, nem de considerá-la má e corrompida, mas de reconhecer que ela foi ferida pelo pecado e precisa da graça divina para alcançar sua plenitude.17 (integração entre razão e fé).

clareza: “A graça não suprime, mas aperfeiçoa a natureza.”² Esta afirmação é fundamental para compreender a antropologia católica. Não se trata de negar a natureza humana ou de considerá-la má e corrompida, mas de reconhecer que ela foi ferida pelo pecado e precisa da graça divina para alcançar sua plenitude. A graça não vem de fora como algo estranho à natureza, mas trabalha em conjunto com ela, elevando-a e aperfeiçoando-a.

Esta integração entre razão e fé é o que torna a antropologia católica única e profundamente humanista. Não se trata de uma razão que nega a fé, reduzindo o ser humano a mera matéria ou a um conjunto de processos biológicos, nem de uma fé que rejeita a razão, caindo no irracionalismo que nega a capacidade humana de conhecer a verdade. Ambas trabalham juntas, em harmonia, para oferecer uma compreensão completa e integrada do ser humano. A razão natural pode demonstrar verdades sobre a natureza humana, a existência de Deus, a moralidade e o bem comum. Ela nos mostra que o ser humano é criado à imagem de Deus, que possui uma dignidade inviolável, que é chamado à virtude e à realização de seu potencial. Mas a fé revela verdades que transcendem a razão natural e não podem ser demonstradas apenas pela razão: o mistério da Trindade, a encarnação do Verbo divino, a salvação da humanidade por meio de Cristo, a vida eterna no seio de Deus. Quando a razão e a fé trabalham juntas, quando a razão se abre à revelação divina e a fé se expressa por meio da razão, oferecem uma visão do ser humano que é, ao mesmo tempo, racional e espiritual, natural e sobrenatural, temporal e eterno.

O Papa São João Paulo II, em sua encíclica *Fides et Ratio*, oferece uma reflexão profunda sobre a relação entre a fé e a razão. Ele comenta: “O homem não pode compreender-se plenamente sem Cristo; e o Cristo não se faz plenamente compreensível sem remeter ao mistério do homem e de sua vocação eterna.”³ Esta afirmação revela o coração da antropologia católica: Cristo é a chave para compreender o ser humano. Não é possível responder plenamente à pergunta “Quem é o ser humano?” sem se referir a Cristo. Pois é em Cristo que vemos a plenitude da humanidade, a realização completa do que significa ser humano. É em Cristo que compreendemos que o ser humano é criado para amar e ser amado, que é chamado à

² Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II, q. 109, a. 1; *Summa Contra Gentiles*, III, cap. 147.

³ João Paulo II, *Fides et Ratio*, 22.

comunhão com Deus e com os outros, que sua vida tem um sentido e um destino eternos. Igualmente, não é possível compreender plenamente quem é Cristo sem compreender o mistério do ser humano. Pois Cristo é verdadeiramente humano, assumiu nossa natureza, viveu nossa condição, sofreu nossa morte. A encarnação do Verbo revela que Deus valoriza profundamente a humanidade: a matéria, o corpo, a história humana — tudo isto tem importância aos olhos de Deus. Desta união entre a compreensão de Cristo e a compreensão do ser humano surge um humanismo integral, que valoriza a razão, a liberdade, a cultura, a corporeidade, a vida familiar e profissional, mas tudo isto ordenado ao amor, à comunhão e à participação na vida divina.

Jesus Cristo é apresentado pela antropologia católica como o modelo e a plenitude da humanidade. Ele não apenas nos ensina a viver, mas também nos apresenta a si mesmo como um exemplo vivo de humanidade perfeita. Em Cristo vemos o que significa ser verdadeiramente humano: alguém que ama completamente, que se doa totalmente, que vive em perfeita comunhão com o Pai e com os irmãos. A encarnação do Verbo — o fato de que Deus se fez homem em Jesus Cristo — é o evento central da história humana e da história divina. Ela revela que Deus não apenas criou o homem à sua imagem e semelhança, mas também se fez homem, assumindo nossa natureza e condição. Isto mostra que a matéria, o corpo, a história humana — tudo isto tem valor infinito aos olhos de Deus. Não há separação entre o divino e o humano, entre o espiritual e o material, entre o eterno e o temporal. Em Cristo, todas estas dimensões são unidas e reconciliadas. A ressurreição de Cristo é a garantia de nossa própria ressurreição e de que a vida eterna não é uma fuga do mundo material, uma dissolução da pessoa em uma realidade puramente espiritual, mas uma transformação e elevação de tudo o que é bom, verdadeiro e belo. A ressurreição da carne significa que o corpo, a matéria, a história — tudo isto será transformado e elevado, não destruído ou negado.⁴

⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, pars. 365-368 (corpo e alma), pars. 988-1019 (ressurreição da carne); Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, III, q. 53-59 (ressurreição de Cristo); Concílio Vaticano II, Pastoral *Gaudium et Spes*, 2 (Cristo revela o homem a si mesmo).

Para o leigo católico, esta compreensão de Cristo como modelo e plenitude da humanidade tem profundas implicações práticas. Significa que a vida cristã não é uma fuga do mundo, nem uma negação da vida terrena em favor de uma realidade puramente espiritual. Significa, ao contrário, que o cristão é chamado a viver plenamente sua humanidade — a amar, a trabalhar, a criar, a construir, a servir — mas tudo isto à luz de Cristo e orientado para o amor de Deus e do próximo. Significa que a santidade não é algo reservado aos padres, aos monges e às freiras, mas é a vocação de todo cristão, em qualquer estado de vida. O leigo é chamado a ser santo não apesar de sua vida no mundo, mas por meio dela, santificando seu trabalho, sua família e suas relações sociais. Significa também que a razão, a ciência, a arte, a cultura — todas estas dimensões da atividade humana — têm valor e dignidade. Não devem ser rejeitadas como obstáculos à vida espiritual, mas sim cultivadas e aperfeiçoadas, orientadas ao bem comum e à glória de Deus. A antropologia católica oferece, portanto, uma visão profundamente humanista e otimista da vida humana, reconhecendo tanto a grandeza quanto a fragilidade do ser humano, mas vendo em Cristo a resposta definitiva a todos os questionamentos e a esperança de transformação e elevação.

A antropologia filosófica católica é, em síntese, a ciência da totalidade humana: corpo e alma, razão e fé, natureza e graça, tempo e eternidade. Ela proclama que o homem é um dom recebido — criado por amor, do nada, à imagem de Deus — e uma missão a cumprir — chamado a responder ao amor divino por meio de suas escolhas livres e responsáveis. Ela afirma que o ser humano não é um produto do acaso ou do determinismo, mas uma pessoa com dignidade infinita, dotada de liberdade e responsabilidade, chamada a viver em comunhão com Deus e com os outros. Ela reconhece que o ser humano é ferido pelo pecado, que é incapaz de se salvar a si mesmo, que precisa da graça divina. Mas ela também proclama a esperança: que Deus, em Cristo, morreu e ressuscitou para a salvação de todos, que a graça divina está disponível para todos aqueles que a buscam com sinceridade, que a vida eterna é oferecida como dom gratuito a todos os que creem em Cristo e o seguem. Esta é a mensagem central da antropologia católica: que o ser humano é amado infinitamente por Deus, que sua vida tem sentido e valor, que ele é chamado à santidade e à comunhão eterna. Esta mensagem

oferece resposta às grandes perguntas da existência humana e oferece esperança e consolação àqueles que buscam compreender quem são e para onde vão.⁵

⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, pars. 1700-1710 (dignidade da pessoa humana), pars. 1994-2005 (graça e salvação); João Paulo II, *Evangelium Vitae*, 1-3 (valor infinito da vida humana); Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 1-15 (humanismo integral e comunhão) Ele é apresentado como “modelo e plenitude da humanidade”: em seu modo de viver, amar, sofrer e entregar-se, vemos a perfeita realização do que significa ser verdadeiramente humano..

Questões Para Aprofundamento:

1. O que é antropologia filosófica católica segundo o texto?

- A antropologia filosófica católica, conforme apresentada, é uma visão integral do ser humano que nasce da síntese entre razão natural e fé revelada. Ela não é “mais uma filosofia” ou “mais uma teologia”, mas um ponto de encontro entre ambas: a filosofia oferece os conceitos e categorias racionais para compreender a natureza humana (inteligência, vontade, liberdade, sociabilidade, dignidade), enquanto a fé revela o destino sobrenatural do homem (comunhão com Deus, vida eterna, participação na vida divina). Assim, essa antropologia vê o ser humano como corpo e alma, natureza e graça, tempo e eternidade, chamado à comunhão com Deus e com os outros. É uma ciência da totalidade humana, que reconhece tanto a grandeza quanto a ferida do pecado, e vê em Cristo a resposta definitiva à pergunta sobre “quem somos” e “para onde vamos”.

2. Como o texto descreve a relação entre a razão e a fé na antropologia católica?

- O texto insiste que a antropologia católica não opõe razão e fé, mas as integra. A razão natural é capaz de conhecer verdades importantes: a natureza racional do homem, sua dignidade, a existência de Deus, as bases da moralidade e do bem comum. Mas a fé vai além e revela verdades que a razão, sozinha, não alcança: a Trindade, a encarnação, a redenção em Cristo, a vida eterna. A frase tomista “a graça não suprime, mas aperfeiçoa a natureza” é central: a fé não anula a razão nem a trata como inimiga; ao contrário, ilumina a razão, eleva-a e conduz-a ao seu pleno cumprimento. De outro lado, a fé não dispensa a razão: ela se expressa por meio da razão, exige reflexão, fundamentação e discernimento. Assim, a antropologia católica resulta de uma verdadeira “aliança” entre razão e fé.

3. Qual é o papel de Jesus Cristo na compreensão católica do ser humano?

- Jesus Cristo aparece no texto como o centro e a chave da antropologia católica. Ele é apresentado como “modelo e plenitude da humanidade”: em seu modo de viver, amar, sofrer e entregar-se, vemos a realização perfeita do que significa ser verdadeiramente humano. Cristo não apenas revela quem Deus é, mas também revela o homem a si mesmo (como lembra *Gaudium et Spes* 22 e a leitura de João Paulo II em *Fides et Ratio*). Ele mostra que o ser humano é chamado à comunhão com Deus e com os outros, que a existência tem sentido, que a vocação última do homem é o amor. A encarnação e a ressurreição mostram ainda que corpo, matéria, história e afetos são assumidos por Deus e elevados: não há desprezo da dimensão material, mas sim sua transfiguração. Por isso, compreender o homem sem Cristo é, para essa antropologia, compreendê-lo de modo incompleto.

4. O que significa a frase de Tomás de Aquino “a graça não suprime, mas aperfeiçoa a natureza” no contexto do texto?

- No texto, essa frase é o eixo que articula natureza e graça. “Natureza” indica tudo o que o ser humano é enquanto criatura: racional, livre, social, capaz de verdade e de amor, mas também ferido pelo pecado. “Graça” é o dom sobrenatural de Deus que cura essa ferida e eleva o homem a participar da vida divina. Dizer que a graça “não suprime” a natureza significa que Deus não destrói o humano para salvar; não anula a liberdade, a inteligência, a afetividade, nem pede um desprezo da criação. Pelo contrário, a graça “aperfeiçoa” a natureza: integra, cura, fortalece e conduz o que já é bom em sua origem à sua plenitude. Assim, a antropologia católica rejeita tanto o pessimismo, que considera a natureza humana irremediavelmente corrupta, quanto o otimismo ingênuo, que acha que o homem se realiza plenamente apenas com suas próprias forças.

5. Por que o texto afirma que a antropologia católica é profundamente humanista?

- Porque ela valoriza ao máximo todas as dimensões da vida humana, sem reduzi-las nem espiritualizá-las de forma evasiva. Ela reconhece a razão, a liberdade, a cultura, a ciência, a arte, o trabalho, a vida familiar e social como bens positivos e campos próprios de realização humana. Não vê o mundo material como inimigo da santidade, mas como um lugar concreto onde se vive a vocação à santidade. Ao mesmo tempo, ela rejeita uma visão materialista que reduz o ser humano à biologia, ao instinto ou à produção econômica: afirma a alma espiritual, a dignidade inviolável da pessoa, o chamado à comunhão com Deus e à vida eterna. Essa conjugação de alto apreço pela pessoa humana, com seus direitos e deveres, e abertura ao transcendente, compõe um verdadeiro “humanismo integral”. Por isso, o texto apresenta uma visão otimista e esperançosa do homem, mesmo reconhecendo a realidade do pecado.

6. Como o texto apresenta a dignidade da pessoa humana?

- A dignidade humana, no texto, fundamenta-se em duas dimensões: natural e sobrenatural. Naturalmente, o ser humano é “animal racional”, dotado de inteligência e vontade, capaz de conhecer a verdade e amar o bem, pessoa livre e responsável, ser social que se realiza na comunhão. Tudo isso já garante uma dignidade que deve ser respeitada, independentemente das condições externas. Sobrenaturalmente, a fé revela que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus, chamado à comunhão com Ele, destinatário da encarnação e da redenção em Cristo. A encarnação mostra que Deus assume a natureza humana e a eleva; a ressurreição revela o destino glorioso da pessoa humana, corpo e alma. Assim, a dignidade humana é “infinita” no sentido de que não pode ser reduzida à utilidade, ao prazer ou à produtividade. Essa dignidade fundamenta o respeito à vida

humana em todas as fases, o empenho pelo bem comum e a promoção de um humanismo de comunhão.

7. Qual é o lugar do corpo e da ressurreição na antropologia do texto?

- O texto insiste em que o cristianismo não é espiritualista nem dualista: o corpo tem valor real e permanente. A encarnação mostra isso: o Verbo assume um corpo humano, vive uma história concreta, sente fome, sede, dor, afeto. A ressurreição de Cristo é apresentada como garantia da nossa ressurreição: “a vida eterna não é fuga do mundo material”, mas sim transformação e elevação de tudo o que é bom, verdadeiro e belo. Falar em “ressurreição da carne” significa que a identidade pessoal inclui o corpo; a salvação não é dissolução em uma realidade abstrata, mas plenitude da pessoa inteira. Isso tem consequências antropológicas: a visão do corpo, da afetividade, da sexualidade, do trabalho e da história muda; tudo passa a ser visto como campo de santificação e de vocação, não como mera “prisão” da alma ou algo insignificante diante do espiritual.

8. De que modo esse texto ilumina a vocação do leigo católico no mundo?

- O texto destaca que a santidade não é privilégio de clérigos e consagrados, mas uma vocação universal, especialmente vivida pelo leigo no meio do mundo. O leigo é chamado a santificar-se “por meio” da vida cotidiana: família, trabalho, vida profissional, política, cultura, ciência, arte, relações sociais. Isso significa que essas realidades não são exteriores à vida espiritual, mas têm seu lugar próprio. A antropologia católica, ao ver o homem como unidade de corpo e alma, de natureza e de graça, mostra que a vida secular é precisamente o campo ordinário de resposta ao chamado de Deus. O leigo deve amar, criar, construir e servir à luz de Cristo, ordenando tudo ao amor de Deus e do próximo. Assim se compreende um

humanismo cristão encarnado: a vida do mundo não é inimiga da santidade, mas matéria-prima da santidade.

9. Quais são os riscos de separar razão e fé, segundo o espírito do texto?

- Se a razão se separa da fé, corre o risco de cair em reducionismos: materialismo (reduzir o homem à matéria), biologismo (reduzir tudo à biologia), relativismo moral (negação de uma verdade sobre o bem), tecnocracia (submissão da pessoa à eficiência). O ser humano é então visto como produto do acaso, sem destino transcendente, cujo valor depende de critérios externos (utilidade, produtividade, prazer). Se, ao contrário, a fé se separa da razão, há risco de fideísmo e irracionalismo: desprezo do pensamento crítico, da ciência, da cultura; fechamento sectário; justificações superficiais da própria crença. A antropologia católica proposta procura superar ambos os extremos: a razão aberta à fé evita reducionismos; a fé que se exprime racionalmente evita o fanatismo e o obscurantismo. Assim, salvaguarda-se tanto a grandeza da inteligência quanto a profundidade do mistério revelado.

10- Qual é a “mensagem central” da antropologia católica, de acordo com a síntese final do texto?

- Na síntese, o texto afirma que a antropologia católica é a ciência da totalidade humana e sua mensagem central é profundamente positiva e esperançosa. Ela proclama que o ser humano é um dom recebido — criado do nada, por amor, à imagem de Deus — e, ao mesmo tempo, uma missão a cumprir — chamado a responder livremente a esse amor, pela responsabilidade moral e pela busca da santidade. O homem é ferido pelo pecado e incapaz de se salvar sozinho, mas não está abandonado: em Cristo, Deus entra na história, morre e ressuscita pela salvação de todos. A graça é oferecida a todos os que a acolhem, e a vida eterna é um dom gratuito, não um mero resultado do esforço humano. Assim, a antropologia

católica responde às grandes questões sobre a origem, o sentido e o destino da vida humana: o homem é amado infinitamente, sua vida tem valor e sentido, e ele é chamado à comunhão eterna com Deus. Isso oferece um fundamento sólido para a esperança, mesmo em meio ao sofrimento e à fragilidade.

Bibliografia:

- AQUINO, Santo Tomás de. *Suma Teológica*. Trad. de Aloysio Penna et al. São Paulo: Loyola, 2001-2006.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concílio Vaticano II. Trad. de Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, 1966.
- FRANCISCO, Papa. *Encíclica Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Evangelium Vitae*. São Paulo: Paulinas, 1995.